



Televisão e Cinema na Educação Superior¹

Renata Innecco Bittencourt de Carvalho²
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Resumo

O trabalho apresentado refere-se à continuidade da pesquisa apresentada como dissertação de Mestrado na área de Tecnologias da Educação na UnB. O objeto abordado passou a ser as funções e metodologias de uso da TV e do cinema pelos professores da Educação Superior e abordou-se, também, a relação dos alunos com os meios audiovisuais de comunicação. A pesquisa teve como foco analisar metodologias de uso desses meios com o objetivo de compará-las com os fins a serem alcançados na organização do trabalho pedagógico da Educação Superior. Com a análise dos dados, foram identificados filmes para elaboração de relação de temas possíveis a serem abordados em sala de aula, bem como possíveis metodologias de uso.

Palavras-chave

Comunicação e educação; Mídia audiovisual; Educação Superior.

Introdução

No mundo contemporâneo, há dois grandes pólos geradores de conhecimento para os indivíduos. No entanto, os dois se convertem para um único fim: o aprendizado humano. Muitas crianças, antes do nascimento, são filmadas no útero de suas mães. A hora do parto é registrada por câmeras. Na infância, assistem a desenhos animados na televisão. Na adolescência, assistem a filmes em casa ou no cinema. Assim, crescem e chegam à idade adulta em contato com meios de comunicação audiovisuais em momentos de lazer e entretenimento.

Na escola, aprende-se a ler impressos e a escrever manuscritos e, assim, o estudante é considerado alfabetizado. Mas em que momento aprende-se a “ler ou a escrever” um texto audiovisual? Alguém ensina o aluno a assistir a um programa de televisão ou a assistir a um filme? Quando o aluno aprende como é o processo de desenvolvimento de um programa ou de um filme? E é possível ensinar a “ler e escrever” um texto audiovisual?

Expôs-se, então, duas esferas de aprendizado humano: a vivência sócio-cultural fora das instituições de ensino e dentro, a formação acadêmica. Ambas convergem para

¹ Trabalho apresentado ao NP de Comunicação Educativa, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre em Tecnologia Educacional pela UnB, especialista em Educação a distância pela Universidade Católica de Brasília, graduada em Comunicação Social pela UnB, professora do curso de Comunicação Social, Assessora de Extensão e Integração Comunitária, responsável pelo Núcleo de Tecnologias na Educação Superior no UniCEUB e líder do grupo de pesquisa Propagando a pesquisa em comunicação na graduação cadastrado no Diretório de grupos do CNPq. renata.carvalho@uniceub.br



a educação dos indivíduos de maneira formal ou informal e, concomitantemente, não são totalmente separadas e independentes. Não se pode ingenuamente pensar que a vivência sócio-cultural dos alunos e professores não interfere na organização do trabalho pedagógico e vice-versa. Percebendo essa interdependência é importante incluir experiências vividas, normalmente fora das salas de aula das universidades, nos métodos pedagógicos utilizados para formação de futuros profissionais. Na Educação Superior, durante o período de preparo dos estudantes para o exercício de uma profissão na sociedade não basta repassar informações teóricas sem aplicabilidade sob pena de prepará-los para um ideal e não para a realidade. No entanto, é bem verdade que o indivíduo é influenciado pela mídia, mas suas relações com outros indivíduos não se resumem a esta influência. Nas palavras de Kenski (2003, p. 25),

As mídias, como tecnologias de comunicação e de informação, invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus frequentes usuários, não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de espaço de vida.

Nesse cenário, o maior obstáculo a ser superado pelo indivíduo é compreender o processo de produção e transmissão das informações para desenvolver uma recepção crítica e consciente dos textos, das imagens e dos sons que são disseminados pelos meios de comunicação.

Ao analisar o filme *Adeus Meninos*, Rodrigues (2003, p. 41) ressaltou a importância das “vozes silenciosas” em diversos momentos. Muitas vezes, não falar representa muito mais do que qualquer discurso. A compreensão do silêncio acompanhado de imagens em um filme é tão importante quanto a análise da fala dos personagens e de outros sons nele inseridos.

Para Joly e Silveira (2002, p. 65), na educação,

há uma premente necessidade de se fazer uma alteração no sistema de Ensino Superior, por meio da inserção de novas tecnologias da informação e da comunicação no processo tradicional de ensino-aprendizagem, uma vez que a globalização tem apontado para a necessidade de formação de profissionais comprometidos com sua realidade e competentes para solucionar problemas criativamente.

Sendo frequente a presença da televisão e do cinema nas relações sociais pode-se afirmar que há repercussões da influência destes meios de comunicação na organização do trabalho pedagógico e no desenvolvimento dos alunos.

Para Kenski (2003, p.75),

As novas tecnologias orientam para o uso de uma proposta diferente de ensino, com possibilidades que apenas começamos a visualizar. Não se trata, portanto de



adaptar as formas tradicionais de ensino aos novos equipamentos ou vice-versa. Novas tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam.

Os meios impressos de comunicação, como livros e jornais, têm sido foco de estudo desde a invenção da prensa por Gutenberg. Mas o audiovisual, na maioria das vezes, é excluído da educação formal, não é discutido ou apresentado em sala de aula. É como se existissem dois mundos: um, dentro da escola, rígido e intelectual; e outro, fora da escola, de lazer e diversão.

A separação conceitual entre prazer e educação pode ter gerado, nos jovens estudantes contemporâneos, certa aversão a livros e nos pais e professores universitários, certa dificuldade em lidar com textos audiovisuais em casa e em sala de aula, respectivamente.

Interfaces da Comunicação e da Educação

Compreender a relação entre Educação e Comunicação é uma preocupação permanente de pesquisadores contemporâneos de diferentes áreas com o objetivo de minimizar a fragmentação do conhecimento e as dificuldades epistemológicas dessas áreas. É nesse sentido investigativo que, com base em estudos e pesquisas realizadas nas áreas de educação e comunicação, almejou-se conhecer um pouco mais sobre a organização do trabalho pedagógico, focalizando a utilização da televisão e do cinema na Educação Superior.

De acordo com Braga e Calazans (2001, p. 57),

as preocupações comunicacionais da educação, e as preocupações sobre aprendizagem na Comunicação, parecem de algum modo penetrar os dois campos originais na sua totalidade e fornecer-lhes novos ângulos e questões para observação. O interfaceamento, em vez de apenas gerar um campo específico na fronteira, tendencialmente penetra os dois campos, solicitando reconsiderações em largas porções de suas práticas e seus conceitos.

Grandes eventos científicos nacionais das áreas de Comunicação e de Educação deixam clara a importância da interação entre as duas. Em 2004, foi realizado o VII Encontro de pesquisa em educação da Região Centro-Oeste, em Goiânia – EPECO (2004). Nesse evento, foram apresentados diversos estudos no Grupo de Trabalho *Educação, Arte e Mídias* – GT 8. Entre eles: *O cotidiano na tela da TV e a esfera educacional* de Eva Aparecida de Oliveira da Universidade Federal de Goiás que apresentou uma análise do programa de televisão *Malhação* da Rede Globo identificado como o preferido pelos jovens de duas escolas de Jataí, em Goiás; *A televisão, o cinema, a escola e a educação audiovisual* da Dra. Laura Maria Coutinho da



Universidade de Brasília que apresentou uma pesquisa que buscou extrair de imagens do cinema e da televisão situações em que virtudes e vícios prestam-se a estudos que relacionem memória e narrativas contemporâneas.

Em 2005, o XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM (2005) realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro teve como tema *Ensino e Pesquisa em Comunicação*. No Núcleo de Pesquisa *Comunicação Educativa* – NP11 e em alguns outros momentos foram apresentados estudos e pesquisas nacionais e internacionais sobre a relação entre a Educação Superior e a mídia audiovisual. Pode-se ressaltar alguns: *O papel da universidade e dos media numa sociedade democrática - o caso Moçambique* (Eduardo Namburete - Parlamento Moçambicano); *Educação e cultura no Brasil contemporâneo* (Maria da Graça Jacintho Setton – USP); *A telenovela discutida no espaço escolar* (Claudia de Almeida Mogadouro – ECA/USP); *Telejornais: técnica, texto e contexto: um exercício de leitura crítica e cidadania* (Ivete Cardoso dos Carmo Roldão – PUC/Campinas); *O professor, a televisão e o vídeo: um estudo da mediação pedagógica em uma instituição de ensino superior* (Renata Innecco Bittencourt de Carvalho e Vânia Lúcia Quintão Carneiro – UnB).

Percebe-se que a preocupação com as dificuldades de compatibilizar o contexto escolar com a realidade vivenciada pelos alunos insere-se numa problemática complexa da sociedade contemporânea. Segundo De Lima (2004, p. 69), “nos últimos anos, ressurgiu a discussão sobre uma ‘inacabada’ revolução das comunicações [...] a redescoberta da comunicação humana como diálogo em oposição à comunicação como monólogo, identificada com a manipulação e a persuasão”.

Para Baccega (2003, p. 61), “o termo adequado para designar a realidade da escola diante dos meios de comunicação e das novas tecnologias, parece-nos, é desajustamento”. Com a utilização da linguagem audiovisual pelos professores, o trabalho pedagógico pode ser mais diversificado, contudo mais complexo. Para se escolher o material a ser exibido em sala de aula e empregá-lo de forma a alcançar os objetivos pretendidos pelos educadores é interessante que se tenha conhecimento das funções das diversas linguagens audiovisuais.

Aprendizagem

O professor contemporâneo pode ser comparado a um catalisador de informações e não há mais espaço para um discurso de defesa do processo de ensino-



aprendizagem, apenas, como transferência de conhecimento. Logo, quanto mais distante e maquiado estiver o professor, mais difícil torna-se a reflexão do estudante diante do conhecimento abordado. De acordo com Vygotsky (1998, p. 103), os problemas encontrados na análise psicológica do ensino não podem ser resolvidos sem se referir à relação entre os conceitos de aprendizagem e de desenvolvimento. O ponto de partida para desenvolver uma visão adequada da relação entre aprendizado e desenvolvimento é constituído por dois tópicos: “primeiro, a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento; e, segundo, os aspectos específicos dessa relação” (idem, p. 109-118). Neste sentido, os processos de desenvolvimento não são sinônimos dos processos de aprendizagem, mas são dependentes deles. Segundo este autor, “o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta seqüenciação resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal”. À medida que são completados alguns ciclos de desenvolvimento, aumentam as funções mentais do indivíduo resultantes das atividades que ele exerce sozinho. Nestes casos, refere-se ao chamado nível de desenvolvimento real.

Por analogia, poder-se-ia questionar se a reflexão crítica sobre a televisão e o cinema em sala de aula conseqüente da orientação eficaz do professor resulta numa extensão da capacidade do aluno de, no futuro, refletir criticamente sobre a mensagem audiovisual em outros contextos que não o da sala de aula sem a dependência do professor.

No que diz respeito à Educação Superior, é importante perceber quem são os alunos para que se possa desenvolver metodologias educacionais adequadas. Quanto às faixas etárias que se encontram os alunos da Educação Superior, percebe-se que 77,5% dos alunos são adolescentes (16%) ou jovens (61,5%) no período em que se encontram em cursos de graduação (Tabela 1).

TABELA 1 – PESSOAS QUE FREQUENTAVAM CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL EM 2003

| Idade | Quantidade de alunos | Porcentagem relativa |
|------------|----------------------|----------------------|
| 15 a 19 | 487.953 | 16% |
| 20 a 24 | 1.274.648 | 44,5% |
| 25 a 29 | 483.216 | 17% |
| 30 a 39 | 443.978 | 15,5% |
| 40 a 49 | 155.449 | 7% |
| 50 ou mais | 38.803 | 1% |
| TOTAL | 2.864.046 | 100% |

Fonte: Censo Demográfico do Brasil em 2003 - IBGE

Diante dos dados apresentados,

Não se pode simplesmente desconsiderar todo o passado escolar do aluno e começar a trabalhar como se, a partir do momento em que ele inicia o curso superior, ele fosse outra pessoa. Afinal de contas, trata-se da mesma pessoa, só que



com muitas expectativas que, em alguns casos, não são satisfeitas devido ao tratamento pedagógico nem sempre adequado. Se nas escolas de educação básica os alunos costumam ser direcionados pelos professores, na universidade eles, às vezes, são entregues à própria sorte, sob a alegação de serem adultos e que sabem o que querem. Será que sabem? Não é bem assim. (VILLAS BOAS, 2003, p. 5).

Para aprofundamento das informações sobre a idade e os hábitos de alunos universitários buscou-se informações a respeito da faixa etária em que se encontravam os alunos de uma Instituição de Ensino Superior – IES. No vestibular do segundo semestre de 2001 do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, os vestibulandos responderam um questionário (UniCEUB, 2002, p. 16-17) que, dentre outros dados, identificou que: 37% tinham entre 16 e 18 anos; 33% tinham entre 19 e 21 anos; 12% tinham entre 22 a 25 anos; 5% tinham entre 26 a 30 anos; 13% tinham acima de 30 anos.

Estes dados indicam que 82% dos alunos que ingressaram na referida instituição tinham entre 16 e 25 anos e, portanto, encontravam-se na faixa etária jovem.

E, ainda, quanto às atividades realizadas no "tempo livre", estes vestibulandos declararam: ir ao cinema (22%); ouvir música (22%); praticar esporte ou *hobby* (20%); assistir à televisão (15%); acessar a Internet (14%); ir ao teatro (7%).

Quanto aos meios utilizados para se manterem informados, os vestibulandos citaram os seguintes: jornal falado – rádio ou TV (29%); revistas (25%); jornal escrito (23%); Internet (17%); outras pessoas (6%).

Percebe-se que a relação dos alunos de graduação com os meios de comunicação é bastante intensa, tanto no aspecto do entretenimento, como na busca de informações sendo que, com relação à utilização do "tempo livre", 15% destinam à TV e, ainda, 29% consideram a TV ou o rádio como fonte principal de informação. Com relação ao cinema, 22% dedicam seus "tempos livres" assistindo a filmes o que demonstra a clara relação entre entretenimento e cinema para os jovens vestibulandos.

Espaços educativos com mídia audiovisual

É preciso ressaltar que, ao apresentar a televisão e o cinema como mídias audiovisuais não se considera que tenham a mesma maneira de produção e o mesmo efeito na recepção. Muito pelo contrário, todo o cenário e o contexto que envolvem os processos de comunicação desses dois meios, da produção até a recepção, são, na maioria das vezes, extremamente diferentes.



Para Coutinho (2003, p.47), a televisão, mais do que o cinema, ocupa um espaço social – devido a sua natureza tecnológica – e cria um tipo de presença que está em todos os lugares e o cinema é “pensado para ser visto seguindo certo ritual e em salas especialmente preparadas para a projeção”. A narrativa da televisão tem um tempo infinito, os programas são recortes ou planos de histórias que continuam, enquanto os filmes no cinema são projetados com início e fim e a construção de seu sentido depende da construção individual que o espectador faz antes, durante e depois de suas projeções.

Apesar das diferenças, há, também muitas semelhanças e interfaces entre a televisão e o cinema. Até porque muitos filmes que são projetados no cinema já são produzidos com a perspectiva de inserção de intervalos comerciais padronizados pela programação televisiva. As duas mídias não se confundem, mas, também, não se desvinculam completamente.

Ao mesmo tempo em que o uso de instrumentos audiovisuais, por si só, não representa uma preocupação docente com a mediação pedagógica; por outro lado, é um equívoco considerar que a entrada da televisão em sala de aula resume-se a divertimento e descontração (ROCCO, 1999, p. 71). Ainda que o apelo emocional seja bastante amplo, o prazer e o entretenimento são resultantes de um trabalho pedagógico consistente e responsável. No caso específico da televisão, afirma Carneiro (2003, p. 17),

Para aproximar-se da TV como educador é preciso não negar nem condenar o caráter lúdico na relação com os meios. Reconhecer a recepção como espaço de produção de sentido que pode estender-se a outros espaços, incluída a escola. Mediar não significa recusar, negar, desqualificações a priori. Implica sair da posição de telespectador para provocar outras leituras, estabelecer relações analíticas, seletivas, perguntar, compreender melhor a si e ao mundo em que se vive. A mediação pedagógica não destrói a atração provocada pela televisão nem a descaracteriza.

Cabe ao professor, diante da situação específica de cada ação pedagógica e do contexto e das condições vivenciados pelos alunos, construir estratégias eficientes para cada situação, utilizando os meios de comunicação de acordo com os objetivos a serem alcançados, ou seja, é imprescindível que ele seja um mediador pedagógico.

Já se identifica, dentre os pesquisadores da área de educação, a preocupação com o preparo dos professores para uso das tecnologias

A formação de qualidade dos docentes deve ser vista em um amplo quadro de complementação às tradicionais disciplinas pedagógicas e que inclui algum conhecimento sobre o uso crítico das novas tecnologias de informação e comunicação (não apenas o computador e as redes, mas também os demais



suportes midiáticos, como o rádio, a televisão, o vídeo etc.) em variadas e diferenciadas atividades de ensino. É preciso que o professor saiba utilizar adequadamente, no ensino, essas mídias, para poder melhor explorar suas especificidades e garantir o alcance dos objetivos do ensino oferecido (KENSKI, 2003, p. 88-89).

Segundo Baccega (2003, p. 85 – 87), com relação ao posicionamento dos professores da Educação Superior frente à relação entre a televisão e a educação, foram consultados aleatoriamente doze professores da Educação Superior com cargas horárias em 13 faculdades particulares da Grande São Paulo para redigirem um parágrafo sobre televisão e escola.

Desses depoimentos, Baccega (2003, p.86) destacou que um dos traços marcantes foi a “condenação da televisão comercial, repassando-lhe, aparentemente, a responsabilidade pela veiculação de programas que satisfizessem um idealizado objetivo educacional”. Dentre outros aspectos, é importante destacar a concepção de que a televisão deveria ser sempre educativa³ e ainda que

segundo os depoimentos ‘seria muito interessante as TVs abertas investirem em telenovelas educativas para atender às necessidades das crianças’. Afirmarões como essas manifestam com clareza o grande desafio que está colocado: as telenovelas que aí estão educam, sim; se educam como gostaríamos é outra conversa. Para tanto, fundamental seria trazer tal produto cultural para a sala de aula e aí discutir seus caminhos e descaminhos.

Há, no Brasil, alguns projetos interessantes envolvendo professores e televisão. Dentre eles, há a Rede Sesc Senac de Televisão – STV que inclui um canal de televisão a cabo com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento e ampliação do nível de conhecimento do indivíduo e da coletividade e o programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação – MEC que abrange cursos de extensão e aperfeiçoamento para professores como “Salto para o Futuro” (BACCEGA, 2003, p.106–107) e “TV na Escola os Desafios de Hoje” (CARNEIRO; FIORENTINI, 2000).

Na sede do Canal Futura, no Rio de Janeiro, desde 1999, acontecem atividades do projeto Geração Futura, dentre elas oficinas de produção de vídeo para jovens (GARCIA, 2004, p. 8). De janeiro a julho de 2003, foram realizadas duas oficinas, cada uma, com os quinze jovens autores dos melhores projetos de uso ou produção de vídeo inscritos na seleção do projeto.

³ “O caráter educativo poderia ser determinado a partir do receptor, em função de sua interpretação. Um programa produzido sem intenção pedagógica pode vir a ser aceito como educativo” (Carneiro, 1999, p. 56).

As vantagens do uso da TV na Educação Superior têm sido objeto de estudo em diversos países. Desde a década de 60, Frantz (1965, p. 205–213) professor da Universidade do Estado da Pensilvânia nos EUA, já apresentava a “televisão educativa” como um método eficaz de educação, principalmente, sob o ponto de vista econômico porque alcançava um número maior de alunos por um custo menor com instalações e recursos humanos, mas alertava que havia uma resistência crescente daqueles que acreditavam que a TV diminuiria a qualidade da educação.

Outros pesquisadores têm se preocupado com a relação entre a escola e a mídia audiovisual. Assistir à TV, para Fiske (1991) é um processo de construção de significados e prazeres, e este processo é determinado por dois jogos de forças paralelas: o social trabalhando com a subjetividade do telespectador e o textual trabalhando com a textualidade da televisão. Para Fiske, *Prisoners*, uma novela australiana sobre uma prisão feminina transmitida nos Estados Unidos, pode ser utilizada para analisar a “experiência escolar”. Com base nos estudos de Hodge e Tripp (1986), que desenvolveram diversas pesquisas sobre telenovelas, os estudantes americanos se comparavam com os prisioneiros da novela *Prisoners*, ou seja, “usavam” a TV para falar sobre sua subordinação institucional na escola; os carcereiros foram identificados com os professores e a prisão, com a escola.se

Já as pesquisas de Tulloch e Moran (1986) demonstraram como os jovens estudantes provenientes da classe baixa e a classe média deram sentidos diferentes a um mesmo episódio da novela australiana *A Country Practice* que trata do desemprego dos jovens: os da classe baixa abordavam o assunto afirmando que o sistema econômico não provê trabalho suficiente; e os da classe média associavam o desemprego ao fracasso pessoal do indivíduo da classe baixa.

Há, também, os estudos de Katz e Liebe (1985, p. 187-198) que demonstraram como um grupo de telespectadoras árabes analisou o seriado Dallas. As árabes acharam incompatível com a sua cultura o episódio em que a personagem Sue Ellen fugiu do seu marido com o bebê e pôde retornar à casa do pai dela. Para elas, seria aceitável que ela retornasse para um antigo namorado, porém nunca, para o pai.

Quanto às experiências com professores brasileiros, em 1983, Penteadó (2000, pg. 142–144) era docente responsável pela disciplina Prática de Ensino de Ciências Sociais no curso de Licenciatura da USP e iniciou as atividades propondo “construir o curso” com os alunos, mas não obteve sucesso e sim, resistência a todas as suas propostas. Buscando resolver esta situação, dentre outras tentativas, recorreu-se ao



“videopsicodrama pedagógico”. Esta metodologia consistia em gravar o psicodrama em fita de vídeo e posteriormente analisar as fitas com acompanhamento de especialistas. Este método visa resolver as dificuldades que a professora vinha enfrentando na relação professor-aluno (Penteado, 2000, p. 148).

Em 1999, foi desenvolvida em *Universitat Autònoma de Barcelona*, na Espanha, uma tese de Doutorado sobre o uso do audiovisual em sala de aula (LOFF, 2004) com entrevistas a 405 professores que participaram de “ações de formação ou de sensibilização para os *media*” na primeira etapa e detectou-se, inclusive, que: 72% eram autodidatas do audiovisual, ou seja, reconheceram não possuir formação acadêmica na área; 50% dos professores declararam utilizar o vídeo como suporte didático; os cursos de Geografia, História e Biologia foram as áreas que possuíam maior porcentagem relativa de professores que utilizaram o videocassete: 71%, 70% e 64%, respectivamente.

Na segunda etapa da pesquisa, foram inquiridos 177 professores para verificar quais os programas transmitidos pela televisão eram utilizados pelos professores e obteve-se os seguintes resultados: 63% exibiram documentários, 27% usaram filmes, 25% usaram desenhos animados, 18% publicidade, 17% noticiários, 1% novelas, sendo que 16% declararam não usar nenhum programa de TV.

Funções e metodologias de uso da televisão e do cinema

O uso do cinema e da televisão em sala de aula na Educação Superior deve ser antecedido por uma ampla e detalhada preparação do professor. A relação que se possa fazer, sem conhecimento dos prejuízos à organização do trabalho pedagógico, do audiovisual com aulas inovadoras é completamente errônea. Ao invés de resultar em efeitos positivos, a utilização inadequada de qualquer meio de comunicação tem como consequência resultados negativos, principalmente, porque a reação dos alunos é de um uso despropositado e portanto, inadequado desses meios na Educação Superior. Há diversas possibilidades de uso inadequado do audiovisual em sala. Algumas delas foram identificadas por Moran (1995) quando usado como passatempo ou como substituto do professor.

No entanto, quando há uma justificativa e um preparo anterior, existem várias razões para incluir a mídia audiovisual no trabalho pedagógico. Essa inserção traz muitos benefícios para a aprendizagem, pois consegue envolver sensações dos alunos que não seriam viáveis de serem incluídas em outros tipos de aula. Para os estudantes



universitários, a linguagem do cinema e da televisão é bastante conhecida, pois já passaram e ainda passam grande parte do tempo fora das salas de aula em contato com esses meios de comunicação. Ressalta-se, também, que a televisão e o cinema são percebidos, por grande parte dos alunos, como meios de diversão o que torna o trabalho em sala mais agradável ao se conseguir associar a educação ao prazer.

Durante o período de março de 2005 a janeiro de 2006, construiu-se uma relação de, aproximadamente, cem filmes com comentários para facilitação do uso dos mesmos em salas de aula na Educação Superior e foram registradas metodologias de uso dos filmes e programas televisivos com base em dez entrevistas com professores de diversas áreas do conhecimento na Educação Superior. Chegou-se, então, a algumas considerações. Além do conhecimento profundo do tema e do manuseio de alguns equipamentos, o (a) professor (a) deverá preparar a(s) aula(s) com antecedência e detalhamento. Os preparativos são relacionados, principalmente: ao objetivo da(s) aula(s); à estrutura de equipamentos da instituição de ensino; à escolha do filme ou programa televisivo; à adequação dos conteúdos aos métodos; à análise da adequação do filme ou programa de televisão às características e expectativas dos alunos; e à reserva e confirmação de equipamentos para a(s) aula(s).

Quanto ao objetivo da(s) aula(s), é importante estabelecer com clareza o que se quer alcançar com o uso do audiovisual. O que se quer apresentar que será beneficiado com essa metodologia? Os alunos não ficarão com a atenção dispersa? Em um primeiro momento, é imprescindível definir se o uso do audiovisual será importante para a aprendizagem dos alunos. Apesar de considerar que uma proposta taxionômica das funções de utilização didática do vídeo nunca seja limitada e definitiva, tanto no aspecto tecnológico quanto no didático, Carneiro (2000, p. 65) apresenta uma sistematização com base em quatro funções básicas, mas que podem ocorrer concomitantemente: a) função de informação e de conteúdo: consiste em apresentar o programa produzido para apresentar o conteúdo da aula (forma direta) ou o programa produzido sem tratamento pedagógico específico (forma indireta); b) função de motivação: significa utilizar o potencial motivacional do meio audiovisual para problematizar conteúdos, aproximando a cultura do aluno, com a emoção, com as imagens do mundo real; c) função de ilustração: consiste em apresentar documentos, imagens, vozes ou até mesmo fatos e histórias para ilustrar aulas, ajudando na compreensão de fatos, idéias e conceitos; d) função de meio de expressão: significa produzir mensagens audiovisuais como modo de expressão.



Durante a utilização de uma linguagem audiovisual, o professor pode estimular os efeitos emotivos das imagens percebendo antecipadamente qual será a função predominante em cada atividade. Além da compreensão das funções já citadas, a utilização de um programa ou filme de vídeo em sala de aula pode ser enriquecida com um trabalho prévio do professor, pois a metodologia de apresentação influencia nos resultados obtidos.

Há programas que por si mesmos já são motivadores. Em outros será necessário suscitar o interesse pelo tem antes de passar o vídeo [...] Frequentemente é necessário destruir falsas expectativas. Em certas ocasiões, um programa não satisfaz porque se esperava dele algo diferente do que pode oferecer (FERRÉS, 1996, p. 68-69).

Há uma variedade enorme de estilos de programas e filmes que podem ser utilizados em sala de aula e, portanto, há, também várias metodologias de uso do vídeo. Não há uma metodologia única, nem por área, nem por disciplina. A escolha da maneira como o programa será apresentado e o que será comentado a respeito das mensagens audiovisuais nele contidas depende, exclusivamente, da intencionalidade, da criatividade e da capacidade de execução do professor.

Em seguida, deve-se verificar a estrutura dos equipamentos para uso de audiovisuais na instituição de ensino. Os locais em que podem ser projetados os filmes ou programas televisivos podem modificar substancialmente o trabalho pedagógico.

A terceira etapa compreende a escolha do filme ou programa televisivo. Nesse momento, é provável que o (a) professor (a) já tenha em mente algum título, mas é ideal que se realize uma procura nas lojas de locação e venda de filmes de cinema ou compre fitas/CD graváveis para gravar programas televisivos. Cabe ressaltar que alguns educadores já possuem um arquivo de mídia audiovisual o que ajuda bastante a escolha do material. Após a definição, é necessária uma imersão profunda no filme ou programa televisivo mesmo que se trate de apresentar pequenos trechos dos mesmos.

A adequação dos conteúdos aos métodos refere-se à metodologia que será aplicada durante as aulas. É importante criar, mesmo que mentalmente, uma maneira de apresentação do conteúdo e de projeção que tenha a duração das mesmas, pois é importante que não se ultrapasse o horário da aula para não diminuir a atenção do aluno por já ter acabado o período previsto de permanência em sala de aula. Define-se, então, se haverá uma exposição sobre o tema antes, durante ou depois da apresentação do audiovisual, quais os trechos serão apresentados, quantas aulas serão envolvidas, ou seja, na prática, quais serão as etapas a serem seguidas no horário da(s) aula(s).



A análise da adequação do filme ou programa de televisão às características e expectativas dos alunos deverá incluir uma previsão da receptividade do(s) aluno(s) durante a(s) aula(s). É preciso perceber que a recepção é diferente para cada aluno. Um grupo de alunos do curso de Psicologia, por exemplo, pode receber as informações de uma telenovela diferente de um grupo da área de História. Cabe alertar, visto que alguns alunos universitários não atingiram a maioria legal, a atenção que deve ser dada à indicação da idade mínima para assistir aos programas e filmes escolhidos.

Na preparação anterior da aula, o docente pode levar em consideração a idade de seus alunos, a formação acadêmica anterior, o contexto por eles vivenciado e a maioria de informações que ele for capaz de reunir. Quanto mais informações sobre os estudantes ele obtiver, maior probabilidade de adequação do uso do cinema e da televisão aos objetivos pretendidos.

Para finalização do preparo deve-se proceder à reserva e confirmação de equipamentos para a(s) aula(s) sob pena de um prejuízo enorme em relação à organização do trabalho pedagógico pela falta de equipamentos. No entanto, como precaução, percebendo que podem acontecer imprevistos, é importante ter um trabalho sobre o tema para substituir e não prejudicar completamente a continuidade da disciplina.

Reflexões finais

Para que a mídia audiovisual seja utilizada em sala de aula e para que os alunos aprendam a refletir sobre a sua posição em relação à sociedade, é interessante investir-se na introdução de temas relativos às interfaces das áreas de comunicação e de educação na formação acadêmica dos professores da Educação Superior.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para incentivar estudos, pesquisas e práticas pedagógicas que avancem a organização do trabalho pedagógico com a utilização de mídias audiovisuais nas universidades e aprofundem as questões aqui abordadas. Neste sentido, dentre várias vertentes de estudos na interface entre a educação e a comunicação, considera-se que os estudos da relação entre a preferência de uso de filmes em sala de aula pelos professores e o cinema como atividade preferencial dos alunos em seus “tempos livres” são extremamente importantes para desenvolver novas propostas político-pedagógicas em consonância com a sociedade contemporânea mediatizada.



Referências bibliográficas

BACCEGA, M.A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac SP, 2003.

BRAGA, J. L; CALAZANS, R. **Comunicação e Educação: Questões Delicadas na Interface.** São Paulo: Hacker, 2001.

CARNEIRO, V.L.Q. **Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento.** São Paulo: Annablume, 1999.

_____. **Integração da TV na prática, na formação do professor:** desejos, propostas, desconfianças, aprendizados. IN: Reunião da Anped, 26, 2003, Poços de Caldas. Anais GT 16. Goiânia, Vieira, 2003, p. 11-34.

_____. **Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções.** In: CARNEIRO, V.L.Q; FIORENTINI, L.M.R.F. (coord.) **TV na escola e os desafios de hoje** : curso de extensão para professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.mod 2.

COUTINHO, L.M. **O estúdio de televisão e a educação da memória.** Brasília: Plano, 2003.

DE LIMA, V.A. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

EPECO – ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE, 7. **Caderno de resumos do VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste.** Goiânia: EPECO, 2004. 240p.

FERRÉS, J. **Vídeo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FISKE, J. Moments of television: neither the text nor the audience. In: SEITER, E. (ed.) **Remote Control: television, audiences and cultural power.** London: Routledge, 1991.

FRANTZ, J.B. The educational advantages of instructional television: as compared with conventional teaching methods. In: **The Journal of Higher Education**, vol.36 n°4, Ohio State University Press. Abril de 1965.

GARCIA, D (coord.). **Geração Futura: o que os jovens e a TV podem construir juntos?** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2004.

HODGE, R e TRIPP, D. **Children and television.** Cambridge: Polity Press, 1986.



INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. 265p.

JOLY, M.C.R.A.; SILVEIRA, M.A. A tecnologia e o ensino universitário: avaliando perspectivas educacionais. In JOLY, M.C.R.A. (org.) **A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KATZ, E; LIEBES, T. Mutual aid in the decoding of Dallas: preliminary notes from a cross-cultural case study. In: DRUMMOND, P.; PATERSON, **Television in transition** Londres: British Film Institute, 1985.

KENSKI, V.M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LOFF, A.C. **Uso didático do documento audiovisual, na perspectiva do professor**. Espanha - Universidade Autônoma de Barcelona. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://www.nonio.uminho.pt/actchal01/070-Alexandre%20Loff%20723-734.pdf>> Acesso em: 02 de novembro de 2004.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

PENTEADO, H.D. **Televisão e escola: conflito ou cooperação**. São Paulo: Cortez, 2000.
ROCCO, M.T.F. Televisão e educação: um canal aberto. In: FIGUEIREDO, V.L.F (org.) **Mídia & educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RODRIGUES, N. Adeus meninos: um discurso contra o esquecimento. In: TEIXEIRA, I.A.C; LOPES, J.S.M. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
TULLOCH, J; MORAN, A. **A country practice: quality soap**. Sydney: Currency Press, 1986.

UNICEUB. **UniCEUB em revista**. Brasília, DF: Centro Universitário de Brasília. Ano III, no. 3 agosto de 2002.

VILLAS BOAS, B.M.F. **Práticas avaliativas no contexto do trabalho pedagógico universitário: formação da cidadania crítica**. Texto apresentado durante o III Seminário de Qualidade Acadêmica sobre avaliação emancipatória na universidade: por quê? Universidade Federal de Uberlândia, 28 e 29 de maio de 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.